

a]

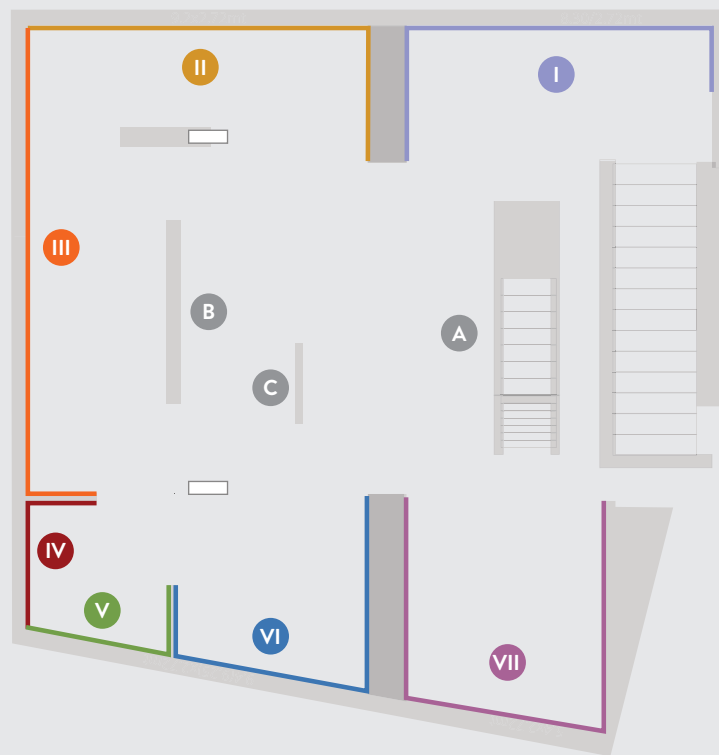
[CURADORIA
Jorge Calado

[Família Humana]

FONS IANNELLI, Jim com
a mulher e o bebé, Condado
de Harlan, Kentucky, 1946
© Coleção Fons Iannelli

EXPOSIÇÃO MUSEU DO NEO-REALISMO // 10 / JUL'21 - 29 / MAI'22





I Nascimento, Infância, Família

II Adolescência, Lazer, Música, Amor

III Na Rua

IV Trabalho

V Terra

VI Mar

VII Guerra, Velhice

A Lezíria, Vila Franca de Xira

B Religiões

C Lisboa, Cidade Aberta: Migrações

a] [Família Humana]

1. Esta é a primeira apresentação da colecção de fotografia internacional, “A Família Humana”, iniciada pelo Museu do Neo-Realismo em Agosto de 2019. Nas palavras certas da directora científica, Raquel Henriques da Silva, a aquisição de obras de arte é um sinal de “dinamismo voltado ao futuro de um museu”, garantindo-lhe “um lugar mais respeitado entre os pares e a comunidade” que serve. Uma vez definida – por razões financeiras e de mercado – que a aposta seria na fotografia, as perguntas que se punham eram O Quê? e Porquê?. Dada a forte matriz e raízes do Museu do Neo-Realismo, optei pela chamada fotografia *humanista* que emergiu, pujante de força vital em todo o mundo, nas décadas de 1930-40 – precisamente as décadas de afirmação do movimento e sensibilidade neo-realistas. São óbvias as ligações desta Colecção à literatura e ao cinema.

2. A missão era ambiciosa: revelar a universalidade da experiência humana, à semelhança da célebre exposição de 1955 “A Família do Homem”, no Museu de Arte Moderna em Nova Iorque, que viajou por 37 países (mas não veio a Portugal). Com a rapidez de movimento e de comunicação, o mundo encolheu. Reconhecemo-nos nas imagens de outras terras e outras gentes. Os problemas de outros povos são os nossos problemas. No meio da tempestade das alterações climáticas, estamos todos no mesmo barco, à deriva.

3. A Colecção “A Família Humana” do Museu do Neo-Realismo – que continua a crescer e a desenvolver-se – conta agora com 375 fotografias de mais de 175 artistas, homens e mulheres de 25 nacionalidades que fotografaram em 60 países dos cinco continentes. Estão representados grandes mestres da história da fotografia como Bruno Barbey, Edouard Boubat, Jack Delano, Alfred Eisens-taedt, Micha Bar-Am, Morris Engel, Gisèle Freund, Toni Frissell, Tim Gidal, John Gutmann, Ernst Haas, Bert Hardy, Lewis Hine, Henri Huet, Pierre Jahan, Ida Kar, Russell Lee, Nina Leen, Don McCullin, Lennart Nilsson, Willy Ronis, Arthur Rothstein, David Seymour, Erika Stone, Pierre Verger, etc., alguns dos quais trabalharam em Portugal, além de uma dúzia de fotógrafos portugueses, de Carlos Relvas a Ernesto de Sousa e José M. Rodrigues. Como, por limitações de espaço, só é possível mostrar um terço da Colecção, haverá periodicamente uma rotação das peças expostas.

4. O mercado da fotografia como obra de arte colecionável tem menos de meio século. O primeiro leilão fotográfico internacional da Casa Sotheby's teve lugar em Londres em 1971 (em Nova Iorque em 1975 e em Paris em 2002), com preços hoje considerados irrisórios. O cânone fotográfico continua em aberto, na medida em que o trabalho de muitos artistas da câmara foi pouco divulgado e permanece esquecido. Para qualquer curador, a satisfação maior está na revelação de artistas cuja produção caíra no olvido. O Museu do Neo-Realismo pode desempenhar um papel importante na divulgação das obras de fotógrafos como Annemarie Clarac, Graham Del Monte, Mauricio Fresco, Otto Karminski, Kees Scherer, etc., vários deles e delas com histórias pessoais heróicas que merecem ser conhecidas e celebradas. Clarac, Fresco e Scherer passaram por Portugal, Del Monte fotografou extensivamente em Macau em 1937; Karminski é outro fotógrafo admirável como artista e cidadão que escapou ao Holocausto (e com dezanove imagens, o melhor representado na Coleção).

5. As fotografias são como palavras, ou melhor, frases com sujeito e predicado (como se dizia no tempo em que as pessoas sabiam pensar e falar). Uma exposição fotográfica forma um discurso complexo que cabe ao visitante completar e decifrar. Para facilitar a leitura, a exposição está organizada em sete secções e três núcleos. Sete, de acordo com as idades do homem e da mulher definidas por Jaques na peça de William Shakespeare, "Como lhe Aproveu". Sete como os dias da semana, as cores do arco-íris, as notas da escala musical ou os pecados mortais. Os núcleos abraçam as várias religiões, transportam-nos à lezíria ribatejana e recordam-nos que durante a II Guerra Mundial Lisboa era uma cidade aberta a quem fugia do horror nazi (e não só). Pelo caminho, celebramos várias formas de lazer, espantamo-nos com o que se passa na rua, vergamo-nos às exigências do trabalho, na terra e no mar, e lutamos por uma vida melhor, às vezes de armas na mão (assim pagando os erros dos líderes políticos). No fim, porém, somos todos iguais. Como escreveu Shakespeare, encontramos-nos todos no 'mercado da morte', sem dentes, sem olhos, sem sabor, sem nada...

JORGE CALADO



PIX (ARCHER), "Os estilos de cabelo das mulheres Sawahili são muito complicados e demoram muito tempo a completar, Quênia", c. 1960

NB. A exposição é acompanhada de um catálogo de 300 páginas que inclui a reprodução de 187 imagens, biografias de todos os artistas e fichas do acervo completo da Coleção à data de 10 de junho de 2021.



KEES SCHERER,
"Engraxador, Vila Franca
de Xira", 1959



ERIKA STONE, "Mãe e filhos:
Vendedora ambulante na Lisboa
alegre", Lisboa, 1968

PROGRAMAÇÃO PARALELA

Ciclo de Cinema integrado na exposição

Auditório do Museu do Neo-Realismo

11 JUL – 19 DEZ 2021

2 JAN – 5 JUL 2022

DOMINGOS, ÀS 15H00



ENTRADA LIVRE

Acesso de acordo com as normas
da Direção-Geral da Saúde

MUSEU DO NEO-REALISMO

Rua Alves Redol, n.º 45

2600-099 Vila Franca de Xira

Tel.: 263 285 626

Email: museuneorrealismo@cm-vfxira.pt

GPS: 38° 57' 19.16" N, 8° 59' 19.82" W

HORÁRIO:

3.ª a 6.ª feira das 10h00 às 18h00

Sábado das 10h00 às 19h00

Domingo das 10h00 às 18h00

Encerra às 2.ªs feiras e feriados

ORGANIZAÇÃO



m neorealismo
museu do neo-realismo

APOIO

ANTENA 2